A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

Este numero publica-se para garantia de titulo, e foi visado pela Comissão de Censura.

Ano: 22.° N.° 5.315

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETARIO MANUEL GUIMARÃES
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO (PROVISORIA) RUA DAS SALGADEIRAS, 1-4.°

Terça-feira, 28 de Novembro de 1933

COMPOSTO E IMPRESSO NA SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA
Preço: 30 cent. RUA DO SECULO, 59 — LISBOA

OS NOSSOS MORTOS

Recordam-se, hoje, aqueles que à «Capital» deram muito do seu talento, da sua boa vontade e da sua audacia de jornalistas

Mayer Garção

Não podiamos trazer a publico um numero de «A Capital» — ha tempos, suspensa — sem que fizessemos, com uma saudade infinda, a recordação dolorosa daqueles que foram nossos companheiros de trabalho e que a morte, cruelmente, roubou ao convivio dos seus amigos, dos seus camaradas, dos seus admiradores.

A «Capital» foi um jornal, onde trabalharam, sempre, com um fogo vivo de entusiasmo, nas horas mais arduas da campanha republicana — naquele periodo, em que ser republicano representava ser lutador e bravo — na propaganda patriotica da nossa intervenção na Grande Guerra — que uns malsinaram, mas que, hoje, ninguem, de boa fé, pode duvidar que representou um bem para o país — e, em todas as horas de perigo para a Republica, os mais ilustres jornalistas da nossa terra.

Foi, aqui, que se reuniu o escol da Imprensa portuguesa — dizemo-lo, com orgulho — foi, aqui, que se trabalhou, com largo proveito, para o engrandecimento e revigoração dum Ideal nobre.

Daqueles que á «Capital» deram o seu trabalho intenso, os fulgores da sua inteligencia, o calor da sua prosa, viva e entusiastica, muitos, já, se finaram.

Mas, para o nosso jornal, a morte não representa esquecimento,

André Brum

por isso, vimos recordar os nossos mortos queridos, fazendo-os reviver, nestas linhas que quereriamos tivessem um brilho tão grande, como grande foi o seu valor.

Parece-nos ver, ainda, surgir, sempre moço, sempre vibrante de calor idealista, Mayer Garção, nos seus passinhos curtos, com as grossas lentes duma miopia cruel, a dar, com o brilho da sua prosa elegante, a nota viva do assunto do dia.

Ele que poderia ter ascendido aos mais altos logares no Ministerio dos Negocios Estrangeiros, e na politica nacional; êle que poderia ter sido ...do, quis ser, sempre, com uma situação inexcedivel, um dos maiores jornalistas do seu tempo.

Poeta de fino quilate — como o seu antepasado, o lirico Correia Garção, da «Arcadia Olissiponense» — marcou, tambem, como polemista distinto e, na «Capital», deixou, espalhados ás carradas, muitos dos seus melhores artigos politicos.

André Brun — outro que, bem novo, a morte nos roubou — o humorista que todos conheceram e todos amaram, foi, na sua secção «As Migalhas», que, durante tantos anos manteve neste jornal, o critico ...igurante, mordaz, apreendendo num momento o assunto, tocando-o a sua graça incomparavel, ferretoando-o com o dedo irónico e, depois, disso, deixando-o ao publico, que recebia êsse pedaço de prosa, a rir, ou a sorrir — ás vezes, com piedade.

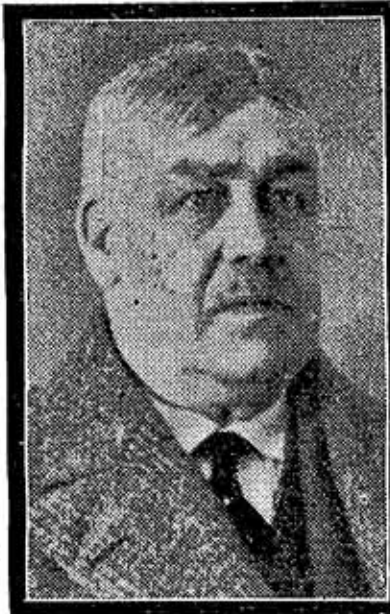
André Brun foi, na «Capital», alguem duma operosidade viva, e, nas horas duras da Grande Guerra, o humorista deixou de o ser, para partir, nobremente, sem curar da sua saude abalada, a combater na Flandres, ao lado dos humildes serranos, daquela «malta das trinchei-

Hermano Neves

ras», que êle exaltou num livro sem par.

Pobre André Brun!

Mas a lista funebre, não acabou, infelizmente.

Tambem, Hermano Neves partiu para essa longa viagem, a ultima que êle — viajante apaixonado — fez e donde se não regressa mais. Hermano Neves, partiu, após o seu querido amigo Augusto Gil que, a morte, tambem, levou. Deixou, no jornalismo, uma lacuna dificil de preencher esse «reporter» estupendo que, como delegado de «A Capi-

Avelino de Almeida

tal», acompanhou, na visita ás trincheiras, o presidente, sr. dr. Bernardino Machado que, depois, foi a Angola, quando, ali, era Alto-Comissario o sr. general Norton de Matos. Estas viagens deram aso a que, no nosso jornal, êle escrevesse as suas melhores reportagens e algumas das suas entrevistas magistrais, com figuras marcantes na politica internacional, como Clemenceau. Foi êle que, num «salto» estupendo, numa «arrancada» brilhante de jornalista moderno, com inteligencia e nervos, conseguiu ir ao Funchal apanhar, em primeira mão, as declarações de Francisco Aragão, o moço heroi de Naulila.

Desta tempera rija de «reporter», tambem era Avelino de Almeida, outro dos nossos companheiros falecidos, no ano findo. Como Avelino sabia pôr em fóco um assunto, trazê-lo á luz viva da sua analise e deixá-lo, a palpitar na sua prosa elegante, ás vezes, com ressaibos dum

Jorge de S. Basilio

classicismo puro. Critico de teatro, distinto, dos mais distintos, teve, neste jornal, uma posição destacada e conquistada, apenas pelo seu saber, pela sua elevação e pelo seu caracter.

E, dos mais moços, Jorge de S. Bazilio, lá, se foi, tragicamente, no ano findo.

Era esperto e activo, tinha uma maneira de escrever, vibrante, emocionante. As suas reportagens, em Espanha — na Espanha de Primo de Rivera — que, aqui, foram publicadas, deram uma nota precisa

(Continua na 2.ª página)

PREVENDO UM FUTURO INCERTO

A DEFESA AEREA DE LISBOA

Sobre o momentoso problema falou à «Capital» o antigo director da Aeronautica Naval, Comandante Afonso Cerqueira, que foi combatente da Grande Guerra

Nestes tempos de constantes conferencias de desarmamento, de assembleias destinadas a estabelecer uma paz duradoira, de assinaturas amiudadas dos chamados «pactos de não agressão» e de quejandas mésinhas com que, «á outrance», se procura afastar um periodo belico, ouve-se, a cada passo, falar em guerras, em meios de a agenciar, em metodos de combater.

A imaginação viva de Julio Verne não sonhou — nas suas locubrações geniais — com os inventos engenhosos dos sábios que, nos seus laboratórios, estudam a forma mais facil de matar a distancia, tornando as batalhas — que, outrora, eram vistosos torneios, em campo raso, á luz do sol que fazia faiscar armaduras e acendia na ponta dos aços raios fulgurantes — um jogo mecanisado feito, de longe, socegadamente, por pacatos cavalheiros que, cachimbando, ante um quadro com lampadas e manipulos, acendem fogueiras, onde se queimam cidades e se carbonizam vidas.

Enquanto meia duzia de senhores, sobraçando pastas com sonhos lindos, se sentam, bem almoçados, em redor duma mesa para discutir um acordo de paz ou um meio mais de evitar as guerras, nos laboratórios, nas fabricas, nos estaleiros, quimicos, engenheiros, operarios fazem calculos, estudam planos, assentam peças, martelam aço, trabalham polvoras, envolvem dinamites.

E' um trabalho colossal, de parte a parte, que conduz ao mesmo fim: — ainda que isto pareça um contra-senso e um paradoxo.

As grandes e as pequenas potencias enviam, simultaneamente, para as conferencias de desarmamento e para as oficinas e estaleiros os seus melhores representantes, porque tendo confiança nos seus diplomatas, têm mais na pericia dos seus artelheiros, dos seus aviadores, dos seus marinheiros.

E são grandes e volumosos os *dossiers* das assembleias dos pacifistas; mas são maiores e mais volumosos os *dossiers* dos tecnicos e dos estrategicos!

E' este o panorama actual do mundo, a quinze anos do armisticio que, ao contrario duma era de quietação, de amizade, entre as nações, nos trouxe uma serie constante de susceptibilidades, de irritações e escaramuças que preparam, com uma vertigem assustadora, um belo terreno para uma nova e mais terrivel conflagração.

Oxalá, que nos enganemos!...

Para a guérra de amanhã, é preciso que Portugal se prepare e se estudem os meios de defesa do seu patriotismo

Portugal, neste cantinho ocidental da Europa, afastado do centro, onde a fornalha arde, poderia estar a salvo de qualquer ameaça. Quando muito — como na ultima guerra — poderia ter de intervir para maior a sua posição de país colonial, sempre, fiel a princípios — como *A Capital* acentou, na época tragica de 1914 — que são sagrados e não se quebram, sem grave dano moral.

Mas, dado o progresso nas artes belicas, não há, já, paises proximos ou nações afastadas. O teatro da guerra não é, como no conflito europeu, um *front* aqui, outro além, outro mais ao longe.

Hoje, pelos passos gigantescos da ciencia, pelo avanço dos planos de combate, pela velocidade dos navios, pela vertigem dos aviões não há um palco, onde se desenrole o drama. Não ha actores, comparsas e espectadores: — todos, pelos vistos, tomam parte activa na representação macabra que nos fazem ver aqueles que pensam, a frio, e a frio, discorrem, nestas coisas, movendo homens e material, como se êles fôssem, apenas, pedras de xadrês.

Por isso, em Portugal tem havido,

Afonso de Cerqueira

tambem, pesoas que se interessam, *a sério*, por este assunto e estudam, com boa vontade, os meios de defesa da nossa terra, e do seu vasto e rico patriotismo de além-mar, espalhado pelo Atlantico, na Africa, na Asia e na Oceania — a atestar uma grandeza heroica dum pais que foi fadado para a conquista e tentado pelo desconhecido.

A defesa da integridade do território português é um problema posto em equação que merece a analise, o estudo, a preocupação das autoridades e dos que, vestindo uma farda, procuram, honesta e inteligentemente, honrá-la.

O país tem o direito de querer saber e de procurar que lhe respondam ás suas justificadas preguntas:

— Estamos preparados para um ataque?

— Temos meios de defesa?

E' certo que o país não pode querer saber aquilo que lhe é vedado, aquilo que constitue o chamado «segredo de guerra».

E, estamos certos, que ao pa's interessar-lhe-ia, talvez, mais conhecer o *segredo da paz:* — mas êsse é «silva esoterica, para raros, apenas»...

Vamos, hoje, dar aos nossos leitores, a feliz oportunidade de poder assistir a uma curiosa conversa que tivemos sobre este momentoso problema, e que constitue um dos seus capitulos mais interessantes e curiosos.

«A defesa aerea de Lisboa está, intimamente, ligada á defesa do País» — disse-nos o comandante Afonso Cerqueira

Procurámos falar com o sr. comandante Afonso Cerqueira que, por duas vezes, exerceu as funções de director da Aeronautica Naval, a fim de ouvirmos a sua opinião acêrca da defesa aerea de Lisboa.

O comandante Cerqueira, cujo nome anda ligado ás mais gloriosas paginas da Republica, que se bateu, bravamente, em Africa, nas famosas campanhas do Sul de Angola, nos inicios da Grande Guerra e que mereceu do heroico general Pereira de Eça as mais elogiosas referencias — e o general era pouco dado a palavras encomiasticas — não gosta de ser entrevistado, porque é das pessoas mais modestas que conhecemos.

Raramente, se vê o comandante do Batalhão do Sul de Angola e das forças que galgaram o Monsanto — e, depois de vencer, com os seus bravos marinheiros, protegeu os vencidos — usar todas as veneras que conquistou. Na sua farda ostenta, apenas, o distintivo de oficial aviador e detesta os adjectivos, detesta as louvaminhas, abomina todo o aparato que se faça em redor do seu nome.

Quando o jornalista o procurou para dar a sua colaboração, neste numero de *A Capital*, o comandante Cerqueira invocou todos os pretextos, buscou, todas as evasivas, para se escusar a falar-nos e a falar, portanto, aos nossos leitores.

Alegou que não era êle a pessoa indicada nem a competente para tratar do problema, visto estar afastado dos assuntos aeronauticos navais e nós só podemos entrincharnos nesta razão que foi a unica que o demoveu: — a amizade.

Conheciamos-lhe o ponto vulneravel, por isso, foi por êle que o atacámos. O comandante Afonso Cerqueira deixou-se entrevistar, conversou comnosco porque *A Capital*, para quem teve referencias bem agradaveis — que a nossa modestia, também, nos manda calar — o ligam laços de velha amizade, alicerçado em principios idênticos — a Republica — em aspirações idênticas — o bem servir a Patria, sem outra preocupação, nem outro galardão, além da tranquilidade da consciencia.

Aqui está, pois, porque o comandante Cerqueira, oficial aviador, acedeu a dizer algo sobre a defesa aerea de Lisboa.

«O problema que me põe — começou — é deveras importante, e, quero repetir, podia encontrar pessoas mais competetes para, dêle, falar. A defesa aerea de Lisboa, está, intimamente, ligada á defesa do País! Por consequencia, ela tem de ser cuidada, com muita inteligencia, muito carinho e, sobretudo uma grande previsão de todas as circunstancias.

Portugal possue tecnicos distintos na arma de Aeronautica e na Aeronautica Naval

E, alargando, o seu modo de ver, o nosso entrevistado prosseguiu, animadamente:

— Lisboa, como capital da Republica, principal porto de abastecimento, importantissimo posto militar, constitue um ponto sensivel de raro valor, e um objectivo de primeira ordem. E', deixe-me empregar o termo, o ponto nevralgico do País. Daí, são justificadas todas as despesas que se façam para o proteger o mais eficazmente possivel.

Após, uma pausa, concentrando ideias:

— Há que estabelecer duas hipoteses: — a falta de aliança e a existencia dela. Neste caso, mesmo ainda, esses cuidados, com a defesa perfeita de Lisboa, podem ser justificados, a fim do porto de Lisboa poder prestar, com segurança, a uma esquadra aliada, um auxilio eventual, ou previsto num plano conjunto de operações. Dada a circunstancia se os ataques se poderem efectuar pela fronteira maritima ou terrestre suponho que os estados maiores do Exercito e da Armada terão elementos de estudo conjugado, acêrca do importante assunto. De resto, êsses estados maiores encontram na vasta literatura militar bem tratado o problema, devendo, conseguintemente, ouvir, sobre êle, os técnicos.

E o sr. comandante Cerqueira, com sinceridade, afirmou:

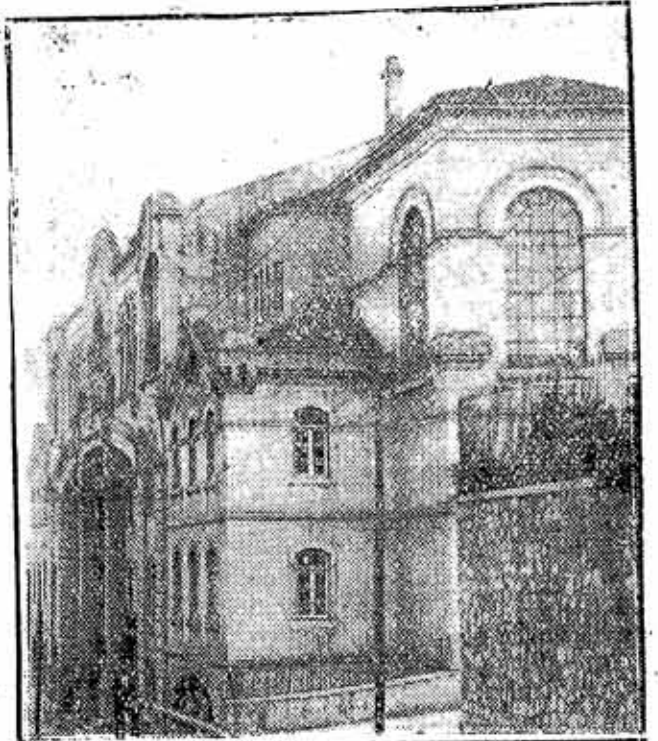
— Portugal pode gabar-se de possuir técnicos optimos na arma de aeronautica e na Aeronautica Naval! Assim, os estados maiores podem conseguir, com facilidade e certeza, tais elementos.

Os conhecimentos e o patriotismo dos oficiais que servem, naqueles dois organismos, permitirá estabelecer o plano eficiente para a resolução do problema. E estou certo que os altos comandos, apresentado as razões bastantes para se obterem as verbas necessárias, o plano póde ser, facilmente e brilhantemente, posto em prática.

Desviámos, rapidamente, o fulcro da exposição para um ponto curioso, tambem, e sôbre êle, o nosso entrevistado disse:

(Continua na 3.ª página

Vista de Lisboa tirada dum avião

A «Sociedade Voz do Operario»

A séde da benemerita colectividade e a biblioteca, onde os alunos aprendem a amar os livros

O problema da Paz e da Guerra entre os homens

O problema da guerra entre os homens não é novo, e justifica, pelos tempos fóra, as revoltas, as anciedades e os ideais, cada vez mais largos, de solidariedade e de perfeição moral e social.

Com a creação da Terra não surgiram logo as lutas e os dissidios. Os veios de agua romperam a crosta terrena sem esforço de maior. As plantas, as flôres, as arvores frondosas cresceram em plena liberdade, sem que houvesse precisão de meter, no espaço de uma raiz, o fundamento de outra. A Natureza pródiga espargia, pela terra virgem, milhões de vidas, ordenadas e harmónicas em suas relações mutuas. A frescura das aguas, animando as plantas em seu crescimento; o perfume das flôres, tornando o ar menos forte; e a sombra das arvores, protegendo os caules debeis e as petalas mimosas das irradiações solares, exerciam, em conjunto, uma nobre missão de solidariedade e de perfeição.

Ao primeiro homem pertenceu a grande parcela de felicidade. Gozou sosinho o paraiso, liberto de encargos e de respeitos, de preocupações e deveres sociais. Era o dominador das plantas, das flôres, dos ribeirinhos murmurantes, que á sua volta se desenvolviam em promessas de beleza e de ventura.

Mas veio á Terra o segundo homem, forte e decidido como o primeiro, de sangue estuante de energia, senhor do mesmo instinto de dominio e segurança. Entre ambos rompeu a disputa pela posse das aguas, dos frutos e das sombras acolhedoras. Nos dois havia o reconhecimento de que a Terra era larga, rica, prodigiosa, e que a união os tornaria mais fortes e resistentes. Mas o instinto de luta era mais forte. Por amor da Paz, que cada qual entendia como supremacia da sua vontade, lançaram-se na guerra. Ainda não se compreendiam por palavras e já cada um deles agrupava direitos sôbre a posse de Terra, e do que ela prodigamente lhes oferecia. Não tinham armas defensivas e o mais simples galho de arvore ou calhau, servia para acometer o rival. O espirito da guerra dominava as mais generosas intenções, e era sob a egide da fraternidade que a luta se estabelecia, cruenta, feroz, aniquiladora. De mais forte que a luta humana havia a furia dos elementos. Nessa hora, porém, os dois homens juntavam-se no mesmo instinto de defesa e de conservação. Mas logo que a atmosfera voltava a desanuviar-se, e se afastava o ribombo assustador dos trovões, e se perdia, na distancia, o risco desigual e caprichoso da faisca, recomeçava a disputa, sempre mais rija e mais larga, como se os proprios elementos emprestassem, a cada homem, maior vibração e desapego da vida.

A' Terra vieram, pelos seculos fora, mais homens e mais dissidios. Formaram-se as tribus, e os reinos, e os impérios. A' margem da conquista do pão pelos processos sempre menos duros e violentos, os homens inventaram os mais requintados processos e instrumentos de destruição.

E era sempre o desejo de Paz que animava a luta; e sempre o mais timido quem provocava a guerra, a pretexto de firmar, num golpe de sorte, a sua maior segurança. Um palmo de terra, ás vezes; uma mulher; uma joia; o despojo das batalhas, a necessidade de escravos para os duros mistéres, e também, ás vezes, uma invocação de direito, amoldado a caprichos especiais, — tudo eram motivos de guerra.

Então, já não era apenas a destruição de um homem. A' medida que as comunidades se desenvolviam, maiores eram os morticinios. Para cada tribu havia uma lei; um código, uma palavra de comando. A ela entendia um grupo que haviam de submeter-se os outros, porque a sua lei — afirmavam — melhor servia a justiça, o direito, o progresso, numa palavra: a Paz.

Concorriam ás guerras os mais habeis e dextros, os mais fortes e resolutos, abandonando a terra, e creando, sem dar por isso, a desigual distribuição de riqueza, que é, hoje, a grande preocupação da Humanidade. Em certas raças sempre os horizontes eram estreitos e sombrios. Não havia socego, porque a Terra era vasta e desconhecida. Ninguem sabia o numero, a fôrça e o valor dos que viviam distantes, e que um dia se lembrariam de perturbar a paz universal. E então, para garantir a tranquilidade e o pão, os recesos, rompiam a luta; iam buscar, aos mais reconditos lugares, os homens desconhecidos, e obrigavam-nos á guerra, quando o mesmo espirito não animava os dois bandos rivais.

Afinal, cada homem traz, dentro de si, o espirito de revolta e de luta, e só por êle justifica a sua existência na terra. Juristas, navegadores, generais, sabios, poetas, escritores — todos amam e desejam a Paz, porque só ela permite a renovação progressiva da Humanidade e dos meios dispensaveis á sua perfeição maior. E todos, afinal, servem a guerra, porque só a guerra explica, por um extraordinário e cruel paradoxo, a paz entre os homens.

Cada vez mais dificil se atoulha a modificação do espirito humano em relação á fraternidade universal. As regiões, diferentes, tornaram os homens, á sua semelhança, desiguais tambem. A ciencia abriu as largas portas do seu dominio, e cada qual recolheu, da grande riqueza, a parte que melhor poude assimilar ou compreender.

Assim se crearam as mais diversas ideologias politicas e sociais. No fundo de tantos doutrinarismos, que um sopro de ideal anima e desenvolve, todos os homens, por modos vários, desejam a paz, o entendimento, a cooperação, a fraternidade e a perfeição geral. Como a Humanidade é refractária ao estudo e ao exame das doutrinas, por mais formosas, a cada uma junta a resolução de problemas materiais que considera dificeis de solução ou insoluveis, há sempre uma minoria que recorre á fôrça para impôr a nova formula social. Assim desde que o mundo é mundo. Ao alto de todos os ideais, um desejo forte de perfeição e de amor. Ao cabo, um desejo fremente de luta e dominio. Sempre a guerra por amor da Paz, dentro do instinto de

O TURISMO EM PORTUGAL

Ao Estado compete definir a sua estrutura e orienta-la, revendo leis e alterando-as sem prejuizo do direito individual

O turismo não é, em todos os Paises, a força economica disciplinada que atrae milhões de pessoas e salva os orçamentos publicos. A industria do turismo alargou-se de tal modo que não há, neste momento, terra grande ou pequena que não exija a sua classificação como zona turistica. Um tumulo romano, os ossos de um cavaleiro da conquista, um quadro celebre; a porta de uma igreja: — qualquer coisa, por mais pequena que seja, serve para semelhante exigencia.

Deste modo, e no que respeita a Portugal, temos de estabelecer o principio de que o País inteiro constitue uma zona de turismo. Assim, neste como em outros casos, se revela a falta de disciplina e de orientação dos portugueses.

O nosso clima excepcional, as nossas maravilhosas paisagens, o murmurio dos ribeiros, a grandeza das serras; a visão soberba do mar — tudo é motivo de turismo e pode atrair estrangeiros. Mas o que não pode é constituir-se cada zona de turismo na mais insignificante ou longinqua povoação.

Essas belezas têm de ser vistas? Evidentemente. Mas não constituem uma atracção internacional. Servem ao turismo nacional e podem ser um magnifico complemento das zonas principais.

Atrair estrangeiros a todos os cantos do País, sem plano, sem metodo; transformar todo o país numa zona unica de turismo, é que não pode ser.

E vejamos ainda:

A existencia de uma zona de turismo internacional, impõe deveres e encargos pesadissimos, porque o turismo é uma industria em constante renovação. Esses encargos não pode tomá-los qualquer zona, por mais concorrida e prospera, desde que a multidão de turistas se dispersa por todo o País.

E' preciso acertar, portanto a actividade das zonas principais, fazer dessas os fócos de irradiação natural para todas as outras, mas obedecendo, quanto á propaganda no estrangeiro, a um cuidado extremo.

Nenhuma outra estancia portuguesa, como o Estoril deve ser o centro do turismo internacional, com irradiação para todas as zonas que tenham interêsse e beleza para estrangeiros. Não é necessário enumerar as extraordinárias condições que o Estoril possue para esse alto lugar, e a acção que vem exercendo desde o seu inicio até na aproximação entre povos que não se conheciam.

São importantissimas as verbas gastas até hoje, e muito dispendiosa a manutenção de todo o organismo. Qualquer crise pode derrubar o soberbo edificio, se, antes, o Estado não intervir como lhe incumbe.

Parece-nos que já é tempo de se revêr a lei do turismo, e a que regulamentou o jogo, e de fixar uma orientação. A primeira revisão ordenará a existencia e categoria das zonas de turismo. A segunda, provará que foram excedidas as previsões sobre o rendimento do jogo. E este facto aumenta de importancia sabendo-se que é do rendimento do jogo que, em todo o mundo, vivem as estancias primeiras de turismo.

O Estado tem que revêr as duas leis: actualisá-las, indicar que especie de protecção devem ter as autenticas regiões de turismo. Numa palavra: — deve o Estado conduzir, sem atropelo dos direitos individuais, a industria de turismo, orientando-a de modo que venha a dar o que nunca deu, em rendimento para o Estado, depois de receber deste o que falta faz ao seu progresso e desenvolvimento.

Mas nunca olvidar que para colher é preciso semear e, logo, tem de dar, se toda a protecção ás empresas, durante o lançamento das explorações para mais tarde o Estado poder receber directa e sobretudo indirectamente o produto do seu esforço muito util, sôbre o Turismo.

VIDA QUE DESPONTA

Quanta alegria palpita neste riso de criança, que, amanhã será—quem o sabe?—um artista, um sabio, alguem que pode ser util á Humanidade e servi-la, nobremente!

Os nossos mortos

(Continuação da 1.ª pagina)

do estado de espirito dalgumas das figuras mais representativas da actual politica.

Jorge S. Bazilio soube arrancar a senda que encobria o futuro espanhol e, em 1925, anunciou o advento da Republica, no país vizinho.

Nesta romagem de saudade, foi-se-nos a alegria; essa alegria cálida, inteligente que cada um dos nossos mortos nos sabia comunicar, no afan da vida do jornal, nos seus artigos que impressionavam o publico e que o conquistavam.

Mas nesta recordação de dôr, bem amarga, resta-nos uma consolação: —de que «A Capital», ao reviver por instantes, os seus nomes gloriosos e queridos, mostra ser grata, numa era em que a gratidão é qualidade que pouca gente cultiva e tantos desconhecem.

Foram dignos da fama que aureolou o seu nome aqueles companheiros, aqui, relembrados, e, numa hora de incertezas, lamentamos a sua perda, porque dêles havia mister para bons cometimentos de inteligencia e honrada luta de principios nobres.

cada homem, no âmago da consciencia e da psicologia da Humanidade.

Ainda muitos seculos hão-de correr, e com êles as anciedade, as revoltas, e os ideais de solidariedade e de perfeição, moral e social. A Humanidade continuará, por instinto de defesa, a obra negra da sua propria destruição. E, se um dia o instinto de luta se perder entre os homens, porque mais alto subiu o ideal da fraternidade humana, confessêmo-lo com franqueza: a Humanidade terá perdido a mais forte razão da sua existencia sôbre a Terra.

O teatro francês está de luto

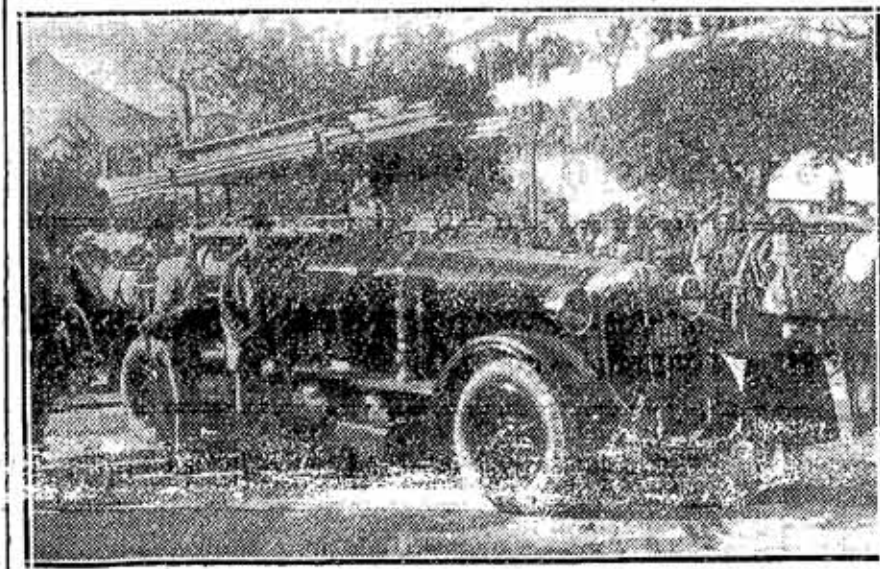
Firmin Gemier, que foi um dos mais extraordinarios e completos actores franceses, renovador dos cenários, creador de tantas obras primas e que a morte acaba de roubar, cruelmente

UMA GRANDE FIGURA LITERARIA

Aquilino Ribeiro — antigo colaborador de A Capital — que conquistou um novo triunfo com o seu recente romance «Maria Benigna»

UM LITERATO POLITICO

Eduardo Herriot—eminente homem publico que a França e o mundo admiram — é uma das mais representativas figuras da literatura latina e—quantas vezes!— o arbitro do equilibrio politico do seu país

Os soldados da paz progridem

Consola vêr o progresso constante das varias organisações de bombeiros voluntarios, não só de Lisboa, como da provincia, prova de quanto eles são queridos, estimados e amados, Esta gravura mostra a recente inauguração dum «pronto-socorro» em Torres Vedras

H I T L E R

MAIS FORTE QUE BISMARCK

pretende crear a Legemonia alemã, estendendo-a aos paises estrangeiros onde se fala a sua lingua

Quando os aliados, em 1918, impuzeram a paz á Alemanha, tirando-lhe a Alsacia Lorena, abusivamente tomada em 1870, e criando, em sua volta, novos paises, para um bloqueio que a Alemanha, desmilitarisada, nunca poderia romper, contaram tambem com a falta de hegemonia que, nêsse momento se traduzia na arrogância de certos estados, como a Prussia e a Baviéra, e na passividade de outros, de menor extensão e importância politica.

Bismarck, o «chanceler de ferro», que tornou possível e preparou, cuidadosamente a vitória de 70, não conseguira, apesar de ter feito uma das mais profundas transformações politicas e sociais, dar á Alemanha, melhor, aos paises onde se fala alemão, uma uniformidade que seria a cupula dourada do seu formidavel edificio.

E os aliados pensaram, em razão dos factos, que a Alemanha, desmantelada, regida por dezenas de principes, que não se entendiam, e pelos partidos de feição mais ou menos democratica, que se guerreavam, nunca poderia readquirir a sua «personalidade» nacional.

Mas surgiu Hitler, porta-voz das aspirações populares, da juventude que não entrára na guerra mas que lhe sofria os desastrosos resultados. Evangelisou á sombra de um ideal magnifico: a formação da unidade nacional alemã. Depois, chanceler, chefe por direito de conquista e de votações expressivas, derrubou e afastou os principes, os estadistas de cada estado. Destruiu a superioridade da Prussia e da Baviéra no concerto dos estados alemães, e lançou as bases firmes a sua obra.

Acabaram os parlamentos estaduais: e os conselhos de cada paiz; e as formas especiais de govêrno. Acima de tudo; contra tudo, uma Alemanha forte, uma nação unica, constituida por todas as terras onde se fala alemão.

Hitler é uma figura especial de ditador. Veio de raiz democratica. Tomou, pouco a pouco a chefia de todas as classes. E, apesar de todos os seus defeitos, da suas audácias ridiculas, mostrou-se, neste momento, superior a Bismarck. Ele vai realizar aquilo que tanto desejou e não poude fazer o «chanceler de ferro», dominador de reis e de imperadores. Ele venceu os aliados na primeira escaramuça, sem tiros e sem canhões.

Até onde vai este sonho, que pouco a pouco se corporisa, de um grande país alemão?

Existem na Europa terras onde se fala alemão, mas que não pertencem á Alemanha. Envolverá, o pensamento de Hitler, a sujeição dessas terras e das suas populações?

Essa deve ser a segunda étapa da jornada. A primeira, que é representada pela hegemonia dos estados, a que não falta, sequer, o parlamento unico, está vencida.

Hitler sonha, mais uma vez, pintar a sua taboleta. Vamos a ver como organiza a loja.

A perseguição aos judeus

na Alemanha, é no fundo, um problema económico

Os ditirambos de Hitler, impondo á Alemanha, como recurso de salvamento, a supremacia da raça ariana, por vários meios, entre os quais avulta a perseguição e expulsão dos judeus, parece que puzeram em fóco um problema que noutros tempos agitou a Humanidade e deu causa a muitas [illegible] lutas e mortandades.

Infelizmente, em [illegible], nem só os judeus, raça onde avultam dezenas e centenas mesmo de homens celebres, são vitimas dos que pretendem a hegemonia das raças. Porque não se trata, afinal, de firmar a superioridade ou a pureza de uma ou de varias raças, como á primeira vista parece. O que existe, de facto, é um problema de fixação, impossivel de resolver pelas actuais normas economicas.

Na America do Norte, onde há mais de 15 milhões de desempregados, andam milhões de crianças, de terra em terra, esmolando o pão de cada dia. Bate-as o destino, impiedosamente, e não há govêrnos nem economistas que possam fixar o que muitos julgam um excedente populacional, ou a consequência de uma irregular distribuição demográfica.

* * *

Na Russia, como na Italia, cerram-se ferozmente as fronteiras, para impedir que os famintos, contados por milhões tambem, procurem na terra alheia o que lhes falta na sua.

Surge dêste modo, mascarado, na Alemanha, com motivos de ordem religiosa e politica, um problema economico, que é comum a todo o mundo.

Ninguem pode prever como se resolverá o fenomeno de instabilidade social, que a terra inteira revela. Mas se êle não implica regresso ao primitivo, á época das correntes [illegible] nomadas: se não é, [illegible] um problema psicológico, bem [illegible] que um dia encontrará, no meio [illegible] conferencias e sociedades internacionais, o remedio salvador. Entretanto, é oportuno lembrar que as lutas de raças nunca permitiram, á Humanidade, uma obra de progresso. As lutas religiosas e politicas, marcando, por vezes, a abertura de novos ciclos de historia, raras vezes determinaram a paz e o ambiente indispensavel aos descobridores e aos reformadores economicos.

* * *

Na projecção do fenomeno actual uma coisa nos confrange: o destino revolto de tantas crianças, que hão-de ser homens amanhã. Qual vai ser a posição dêsses futuros homens na vida? Irão cair na *revanche*, a que a Humanidade, na sua maior parte, é afeita? Pelo contrario, e conhecendo a dureza da vida, irão preparar mais facil caminho ás gerações futuras? Eis uma incognita que só no tempo competirá desvendar. Entretanto, na hora em que a Humanidade chama e luta pela ordem social e pela amisade entre os povos, há milhões de bôcas sem pão, e de corpos sem lar. Aumenta de volume o numero dos perseguidos da vida.

Até quando?

No Ateneu Comercial de Lisboa

Assistencia á distribuição dos premios, dos competidores do «mês desportivo» que se realisou no «Ateneu Comercial de Lisboa» — colectividade de superior relevo social do nosso pais

OS TEATROS E OS CINEMAS

Os tribunais franceses vão, mais uma vez pronunciar-se sobre os direitos dos autores russos, cujas obras são exibidas em França

Daqui a certe, nos tribunais de Paris, uma causa realmente bem curiosa. Começou a julgar-se, no dia 4 dêste mês, um processo relativo aos direitos dos autores russos, residentes em França.

Não é a primeira vez que uma questão desta natureza surge para

Erico Braga — o mais empreendedor dos nossos modernos actores — que deve interpretar o principal papel da «Embaixatriz dos Soviets»

os juizes parisienses pronunciarem o seu «veredictum». Já, em 1931, os irmãos Bessel, proprietários dos direitos de «Boris Godunoff» fizeram citar a Sociedade dos Autores que se recusava, terminantemente, a entregar-lhes a soma correspondente aos direitos da representação da referida e famosa opera, que o publico português, já, teve ocasião de ouvir e apreciar.

A Sociedade queria reivindicar para a França a aplicação da lei da U. R. S. S. que aboliu os direitos de autor. Os juizes — a nosso ver muito bem — entenderam que a razão estava ao lado dos autores e decretaram, em sentença bem deduzida, que era de aplicar, em França, apenas, o que estatuia a lei francesa de 1791 que fixa, nos seus artigos, a mesma duração para a propriedade artistica e literaria francesa e as-

Cressy & Janota: — ela uma das nossas primeiras bailarinas, êle o magnífico ensaiador dos bailados da popular revista «Pernas ao léu»

[illegible]ngeira. Assim, foi a Sociedade dos Autores compelida a entrar com os direitos da representação do «[illegible]ris».

O processo de agora tem como ré a mesma Sociedade dos Autores e foi movido, tambem, pelos irmãos Bessel.

Os direitos são relativos á exibição das obras de desessete compositores russos, alguns dêles bastante conhecidos e apreciados. Citaremos, apenas, Musorgski, Rimski Korsakoff, Cesar Cui, Liadoff e Tchakowski.

Os advogados dos irmãos Bessel sustentam, na petição inicial, a mesma tese que foi, ha dois anos, ganha, apoiada num argumento forte. Esse argumento é que as leis russas que instituiram a expropriação, sem que houvesse qualquer indemnização, são contrarias ao direito publico francês.

Contestando uma objecção suscitada pela Sociedade demandada, os autores demonstraram que, baseando-se numa sentença relativa a Verdi, pronunciada em 1857, a lei de 1791 não exige, para que haja a obrigação do pagamento de direitos de autor, que a obra haja sido representada, pela primeira vez, em França.

Curioso se torna observar o que os tribunais que, em 1931, julgaram a favor dos irmãos Bessel — agora, volvidos dois anos, resolvem.

E' possivel que os juizes sejam outros e, como diz o nosso rifão, «cada cabeça, cada sentença»—não seria de estranhar que julgassem contra os autores, evidentemente, bascando-se em argumentos, tambem, de muito peso e de muito respeito.

E' um problema juridico interessante que deve estar, neste momento, preocupando não só os pleiteantes, como muitos autores em geral — dadas as voltas e reviravoltas

Renée Adorée — olhos de encanto, espirito doente, alma Sonhadora — que foi a genial interprete da «Grande Parada» e que a morte, ha pouco, cruelmente, arrancou ao mundo do Cinema, ao mundo dos seus admiradores

desto pobre mundo, tão cheio de imprevistos e de complicações...

J. M. S.

Será brevemente representada a «Embaixatriz dos Soviets», peça que deverá constituir um grande êxito

Uma peça deve subir, em breve, á cena, num dos nossos teatros, que está despertando uma extraordinária curiosidade.

Trata-se da «Embaixatriz dos Soviets» de Luna de Oliveira e Acurcio Pereira, nosso antigo companheiro de trabalho.

Pelo ambiente, pelo têma, pela forma como os autores encararam o seu problema, pela urdidura da peça ela deve marcar no nosso meio teatral, infelizmente, tão ávido de coisas boas.

Interpretará o primeiro papel masculino Erico Braga, tipo tão curioso dos nossos palcos, que tem passado pela revista, animando-a com uma fulguração de espirito.

Ao lado dêle, interpretarão outros papeis destacados, segundo noticiário, Lucilia Simões, Ester Leão e Rafael Marques.

Será, por todos os motivos, a «Embaixatriz dos Soviets» a grande estreia desta época e, certamente, nos palcos nacionais e estrangeiros onde se exibir, manter-se-á, pelo julgamento honesto do publico consciente, durante largo tempo.

Secção teatral e cinema

A criança, o jovem, o adulto e o velho

A cinematografia, arte e industria tratadas e realizadas em todas as latitudes, só conseguiu ter, com nitidez e continuidade, três estilos, três escolas digamos assim: a americana, a alemã e a russa.

Cada uma, com a «sua» maneira, eram o orgulho das nações que a produziam e enchiam o mundo com as suas manifestações bem desenhadas — bem pessoais.

Entretanto, nenhuma delas satisfazia completamente, a não ser por excepção, bem entendido, o paladar do homem de todas as idades.

* * *

A vida humana, como todos sabemos, está dividida em periodos, em fases, a que correspondem caracteristicas fisicas e psiquicas.

E talvez não seja desacertado comparar, pela sua analogia psicológica, aquelas três escolas cinematográficas a três fases da nossa existência.

Assim, o cinema americano surgia-nos sempre criança, incorrigivelmente criança, com a infantilidade e inconsciência dos seus temas, dos seus argumentos. Homens e coisas animavam assuntos de uma ingenuidade — que ás vezes, muitas vezes, se assemelhavam á vacuidade. Era um inocente — que não se podia tomar a sério. Era a eterna criança.

A endiabrada Beatriz Costa, popularissima vedeta «Star» do cinema nacional

Não podia satisfazer portanto o espirito dos «crescidos», daqueles que pensam.

Mas veiu a réplica europeia, dá com pulso, pelo cinema alemão. Ali mexiam-se homens movidos por ideias, agitados por problemas, por conflitos psicológicos.

Mas êstes casos eram tratados de uma forma pesada, lenta — fatigante. As suas caracteristicas eram as da idade adulta: gravidade, ponderação; periodo das realizações — solene, sério, preocupado. Cinema algo pesado: um senhor adulto.

Porém, surge o cinema russo que, desde o primeiro momento, marca a sua garra. O mistério dos dois continentes, Asia e Europa, que a alma eslava traz em si produz obras estranhas, ricas de linhas estéticas e riquíssimas de emoção.

O cinema russo servido por *todos* os seus componentes com inteligência e disciplina parece dominar a tela e satisfazer o espirito da humanidade — que quere ver humanidade.

Mas o russo, de alma sofredora, parece só conhecer a dôr, a lágrima, pois todos os seus filmes só pesam, dam amargura e angústia. Nêles não se sorri — sofre-se. Não lembra a velhice, com suas dôres, sua tortura, seus sofrimentos?

* * *

Onde estava então o cinema que fôsse mocidade, o cinema, que retratasse a vida naquilo que ela tem de melhor, de mais saudavel e de mais promissor: a juventude.

Esse cinema não existia: aparecia, unicamente, por incidente, nesta ou naquela fita.

Mas eis que o espirito latino, a França sua excelsa representante, realiza êsse cinema. Um homem, um moço, um creador, René Clair, dá corpo e alma a êsse cinema por que todos ansiavam — a êsse cinema que vem preencher uma lacuna, a melhor idade da vida humana — quem sabe se a melhor idade da vida cinematográfica.

Com efeito, René Clair canta, nas suas obras, com talento é visão superior de artista e cineasta a mocidade: espirito, comentário, ironia, arroubo, sorriso, fantasia, irreverência.

E dá-nos tudo isto com um sinal raro, unico: o sinal da sua personalidade. Os seus filmes marcam uma data, um estilo — uma escola.

E eis que nêste panorama, surge agora num rincão do ocidente, o primeiro filme de um país pequeno, mas grande pela raça.

Referimo-nos, evidentemente, ao primeiro filme, inteiramente realizado em Portugal.

E essa pelicula — é uma revelação. Tem cinema — e tem espirito. A maneira de folgar, de sentir, de viver do povo português, aparece pintada em meia duzia de traços incisivos, felizes — cinematográficos. E os sentimentos que animam essas figuras e êsses costumes, sendo tipicos, são humanos, sendo portugueses têm, nos planos fundos, o quê de universal.

E mais dois filmes se anunciam já de outros realizadores portugueses, um que deu a melhor contri-

Charlot — o adoravel Charles Chaplin — com Paulett Godard: — a sua «ultima» consorte, segundo os mais «recentes» telegramas...

buição ao cinema, focando assuntos de tradição, de sentimentos, de raça.

Que lugar viremos a ocupar, que «idade» psicológica viremos satisfazer, se as fitas portuguesas caminharem em «ascenção», tomando por ponto de partida o filme que foi o acontecimento dêste ano?

A. Simões Dias

VIDA DESPORTIVA

A medicina, a pedagogia e... a honestidade perante a cultura fisica

Nada de improvizações

A marcha progressiva dos desportos e sua excepcional vulgarização desenvolveram os estudos tecnicos sôbre «cultura fisica» e chamaram a atenção dos governantes.

Os povos já consideram os «exercicios do corpo» como indispensaveis para a formação do «homem util».

As lutas sociais exigem grande dispendio de energia: resistencia á dôr e á fadiga; tenacidade e perseverança, dominio e exercicio da vontade. Estas condições e qualidades, adquirem-se pela prática dos desportos higienicos, e com educação corporea, regrada e metodica.

A prática dos desportos deve, conseqüentemente, sujeitar-se ás determinações que os tecnicos impõem. O medico especializado tem de acompanhar o desenvolvimento do «homem-atleta» ou orientar os trabalhos para a sua formação.

Devem seguir-se as determinações dos institutos cientificos de educação fisica

A colaboração dos tecnicos e a de medicos especializados, na resolução de problemas que interessam á saúde individual pela prática dos desportos, não é de hoje, nem de ontem.

Tem a idade dos seculos

Sem dar a tais estudos a longevidade fantasiosa que lhe atribuiu o professor Jaroslaw *Hovorka*, de Praga, no Congresso de Amsterdão — a que assisti; e pondo de banda as determinações «filosofico-religiosas» de Confucio e as pitorescas imposições medicas dos tempos medievais, temos de reconhecer que foram os filosofos e os escritores que, com mais ou menos êxito, impuseram a prática metodizada da «cultura fisica». Tambem assim o reconheceu o professor *Hovorka* e, com ele, os seus ilustres companheiros Drs. *Brandeiro, Burés, Jonas, Kral, Ocenasek, Simon*, ainda que orgulhosos do seu ilustre compatriota, o pedagogo Comenius que, no «Orbis-Pictus», recomendava 8 horas de exercicios fisicos por dia! Os erigores psicologicos da educação corporea começaram talvez com de *Locke* e com o «*De motu animalium*» de Borelli, publicado há seculo e meio.

Bom trabalho e excelentes idéias expositivas deram depois, nessa orientação, Tissot, o medico, genovês Tronchin e os famosos Pestalozzi e Basedow.

Foram escritores e «curadores de corpo» que formaram nesses tempos, a «energia construtiva e aventurosa» dos três fundadores de sistemas gimnasticos: *Amorós*, que viveu perto dos

Dr. José Pontes, presidente do Comité Olímpico Português, medico e jornalista distincto, que á causa do desporto muito se tem dedicado

portugueses e neles influenciou a prática da gimnastica por intermedio de seus discipulos, *Lisig* no norte europeu, *John* no centro europeu.

A evolução manteve-se triunfante. Os empiricos sujeitaram-se ás observações dos sábios. O genio le *Claude Bernard* e de *Purkyne* iluminara no trabalho produtor de Niggeler na Suiça, de *Thomas Arnold* e de *Kingsley* na Inglaterra, de Nactigall na Dinamarca, de *Mann* na America, de Manique e de *Luiz Monteiro* em Portugal. Mais tarde e mais perto da nossa idade, *Broca, Marey, Gley* e *Duval* influenciaram os trabalhos de *Dumeny, Lagrange* orientou propagandistas ilustres. *Balck* e o maravilhoso *Pierre de Coubertin* não desprezaram os ensinamentos do laboratodio ou das salas da fisiologia experimental. Agora, na Alemanha, são respeitosamente observadas as indicações dos meus amigos, ministro Dr. *Lewald* e activo agitador de idéias *Dr. Diem*—indicações que tem a dar-lhe actualidade pedagogica e fundamento scientifico, o trabalho do professor *Bier* e da sua escola. Na Tcheco-Eslovaquia, um medico, o Dr. *Masak* impoz orientação tecnica, no Ministerio de Higiene Publica e o professor de anatomia *Weigner* dirige cursos de «cultura fisica». Na America, as Universidades seguem as determinações que os institutos scientificos de educação fisica impõem.

E' preciso lançar um grito de alarme

Em Portugal, existem organismos com função dirigente. Junto de alguns, funcionam «corpos consultivos», onde trabalham e colaboram mestres da medecina e sabios de laboratorio. Conseqüentemente, não ha direito de recorrer a «improvizações» nem ha necessidade de entregar a terceiros a resolução de questões que pertencem aos verdadeiros tecnicos. Muito menos se deve consentir que agitem «assuntos de especialidade» aqueles que só vêem nos desportos, terreno facil para lucros individuais ou motivos de vaidade. Mas... pelo «caminho que levam as coisas», surge, como imperioso, o grito de alarme. Aqueles que, pelo dever dos cargos que a colaboração internacional lhes entregou, velam pela prática dos desportos uteis, precisam de lançar esse grito, com estridente retumbancia.

O *Barão de Coubertin* redigiu uma «Carta da Reforma Desportiva», para remediar os males do estafalmento fisico, do «recuo intelectual», da difusão do espirito mercantil e do amor pelo lucro, a que chamou as «taras actuais do desporto». As suas idéias tiveram um defensor vibrante no saudoso amigo e grande jornalista que foi *Frantz Reichel*. Actualmente, são agitadas pelo presidente do Comité Olimpico Americano *Brundage*. Em resumo, para não perturbar a vulgarização util do desporto, deve haver: mais contacto com os tecnicos; observancia das indicações dos fisiologistas; menos espirito mercantil ou especulativo: renuncia aos grandes estadios para os substituir pelos gimnasios municipais; desenvolvimento das Associações Desportivas Escolares e criação de campos de jogos nas Universidades e colegios... e, que, o atleta se inspire, sempre, nas regras do puro «amadorismo» e no codigo de honra elaborado, num instante feliz, pelo nosso *Conde de Penha Garcia* e, por ele apresentado ao Congresso de Praga, em 1925.

José Pontes

A DEFESA AEREA DE LISBOA

(Continuação da 1.ª página)

— Não tenha a menor duvida. Os melhoramentos na tecnica e na utilização — encarados estes, sob o ponto de vista militar — dos aparelhos aereos deu á aeronautica a possibilidade de a tornarem uma das principais armas de combate e fizoram-na ocupar um importante logar quer na ofensiva, quer na defensiva.

— Ha que pensar na nossa defesa? — atalhámos.

— Sim, porque, infelizmente, o ideal da paz está longe e é necessário que os povos pensem na sua defesa! Fala-se, para aí, em descobertas e inventos sensacionais para inutilisar os ataques aereos, mas outros meios, não menos sensacionais, aparecerão para os contrariar. E deixe-me confessar-lhe que desconfio, sempre, dessas tais descobertas sensacionais, desses planos infernais de ataques por raios invisiveis... Não será tão mau, como, por aí, se apregôa...

E' preciso instruir a população civil e certos organismos, tais como os correios, os bombeiros e a policia para um posivel ataque aereo

Abordou, depois, o nosso entrevistado um outro aspecto do problema:

— E' preciso, evidentemente, cuidar do pessoal aeronautico, que, por todas as razões, deve merecer do Estado um especial carinho.

O pessoal tem de ser suficiente, em quantidade e qualidade, havendo de se tratar do seu treino aturado. E' preciso não esquecer que a proporção do pessoal de reserva deve ser muito superior ás das outras armas, pois uma grande parte dos aviões e balões têm de estar, sempre a postos. Entendo que se devem aproveitar os pilotos civis existentes, bem como urge promover—por meio duma campanha inteligente — a especialização de muitos mais. Tenho, para mim, a opinião que ha a necessidade de instruir, como observadores, os oficiais do quadro permanente, como se devem instruir pilotos, mecanicos, pessoal de oficinas e auxiliar.

E, como comentário, acrescentou:

— Para evitar despesas desnecessárias, deixa-se ao serviço activo o pessoal preciso, passando-se á reserva, o restante, sendo, conveniente, porém, dar a este exercicios periodicos obrigatórios. Como vê, o problema é complexo, por isso, o estudo dêle obriga a muito pensar, a muito labutar.

O nosso entrevistado, foi, serenamente, expondo o seu modo de ver, repetindo a cada passo que não era a êle que lhe competia, neste momento, falar do assunto e, prosseguindo, disse:

— O pessoal necessário para a estação central e estações secundárias de defesa anti-aerea, postos de comando, de escuta e de vigilancia, etc., tem de ter, tambem, uma instrução aturada e especial, como é obvio.

Há que instruir, eficazmente, a população civil, em geral, para o caso dum ataque aereo, e, em especial os funcionarios do Estado, a policia, a guarda-fiscal, os correios, os bombeiros e os soldados á licenciar. E' um ponto capital que não pode, nem deve ser esquecido, nestes atribulados tempos em que vivemos. Isto faz-se, lá fóra, e tem que se fazer cá. «Vale mais prevenir que remediar» — diz o nosso velho rifão.

«A defesa anti-aerea — afirmou o nosso entrevistado — obtem-se mais pela ofensiva que pela defensiva»

Passámos, depois, a escutar as opiniões do sr. comandante Cerqueira, acêrca do material e a propósito, disse-nos:

— E' preciso que de antemão, se estabeleça o programa do material necessário que deve ser executado num certo lapso de tempo. Entendo que nos é indispensavel — como potencia colonial que somos — um navio porta-aviões e que todos os navios, cuja tonelagem o permita possuam o seu avião proprio. Ha que aumentar, conforme as possibilidades, gradualmente, os aviões de combate e balões indispensaveis para uma defesa eficiente do país.

E' preciso não esquecer que, em Portugal ainda não existe, bastante, desenvolvida a industria aeronautica e, sobretudo, que não possuimos as matérias primas necessárias, carecendo, tambem, de combustivel. E' preciso, pois, cuidar das reservas de material.

O antigo director da Aeronautica, após uma breve concentração, continuou:

— Nós devemos possuir aviões de treino, bastante economicos, para pouparmos os aviões de combate que devem ser empregados, periodicamente, em exercicios e manobras militares, de modo a conservar a sua eficiencia e a poderem êsses aparelhos dar todo o seu rendimento necessario.

E' preciso, tambem, adquirir o material de defesa anti-aerea, a que chamarei *auxiliar*: — tais como os balões, as peças e metralhadoras anti-aereas. Mas, quero dizer-lhe, com toda a franqueza, que considero como principal material de defesa anti-aerea, a Aeronautica, porque sou partidario da ofensiva: — A defesa anti-aerea obtem-se mais pela ofensiva, que pela defensiva!

E, a terminar a interessante e substanciosa exposição feita, com um largo á vontade, com uma franqueza própria de marinheiro afeito ao intemperies e ás tempestades da existencia, registámos, ainda estas palavras do sr. comandante Cerqueira:

— Não quero esquecer, para não deixar incompleto este pequeno quadro que tracei, que é preciso, para uma boa defesa aerea de Lisboa e do nosso territorio, fixar os locais para os aerodromos permanentes e determinar os logares onde se haja de estabelecer os aerodromos eventuais.

E, após esta conversa, quando deixámos, com os agradecimentos da praxe, o sr. comandante Afonso Cerqueira, viemos a pensar que isto tudo é soberbo, magnifico, mas que será melhor para todos que tudo isto posto em pratica, não tenha de ser utilisado, numa hora amarga e necessariamente, bem tragica.

FOLHETIM DE «A CAPITAL»

A "SOMBRA"

Quando regressei ao lar paterno, após uma larga e bem saboreada [illegible] pela Europa — isto, no já [illegible] de 1913 — vim encontrar [illegible] nossa casa do Cruzeiro [illegible] apalaçado, numa volta da estrada, que leva a Torres — uma senhora viuva de um primo direito de meu pai, que, em Lisboa, comerciára e que, falido, meteu uma bala nos miolos.

Era uma creatura magra, muito magra mesmo, com um nariz longo e aquilino, a bôca cortada num traço direito de labios descórados e uns olhitos cinzentos, vivos como os do rato e esbugalhados como os da coruja. Vestia de negro e como passeava de [illegible] pela casa—sofria de asma — eu puz-lhe a alcunha de *sombra*.

Minha mãi, senhora devota, cheia de [illegible], detestava que eu a tratasse assim, mas, meu pai [illegible], achando-lhe graça.

Os creados — velhos servidores, [illegible] na minha casa, onde foram educados — detestavam na porque a prima Ernestina — era a sua graça — a proposito de tudo e por tudo lhes falava em «desperdicios».

—E' demais! — dizia-me uma manhã o Manuel, enquanto eu, ao espêlho, me barbeava — O menino não calcula como, ontem, a D. Ernestina tratou a Dorotêa... Porquê? Só porque ela, como é habito da casa, deu os sobejos do jantar á filha da [illegible], *da Bôa Nova*. Queria que se guardasse a comida para o almoço de hoje!...

— [illegible] Dorotêa não contou isso a minha mãi?

— O menino Carlos tem coisas!... Não sabe que a sua mamã dês que está cá essa senhora vai por tudo que ela diz!

— Talvez não seja por muito tempo. Vou embirrando com essa *Sombra* e não tarda que eu lhe acenda ao pé uma grande luz. Não precisamos de tutores!

Tomei banho, vesti-me e, quando desci ao jardim a cortar uma rosa para a minha botoeira — visto que ia almoçar, nêsse dia, a casa do Doutor Pedroso, que tinha uma filha de olhos tão azuis! — encontrei a prima Ernestina, que andava regando uns craveiros.

Escolhi um botão branco e mal o tinha cortado, a *Sombra* grita-me do lado:

— O primo Carlos faça favor de não tirar dessas rosas que são para a capela!

— Mota-se na sua vida e deixe-me em paz. A senhora, nesta casa, quere mandar em todos, mas eu não sou nem a Dorotéa, nem o Manuel e, muito menos, minha mãi. Cá em casa há senhores, há donos, há quem mande. Viva!

Ela ficou muda, esverdeada, de regador na mão, olhando-me, com odio.

Fiz uma pirueta, subi os degraus que levavam á varanda e fui ao escritório do meu pai, onde entrei, pé ante pé, té junto dêle, que escrevia uma carta. Dei-lhe um beijo na calva e contei-lhe tudo.

De facto — concordava meu pai — a creatura estava dando-se «ares de governante» e a Laura — espirito fraco — deixava-se ir por tudo que ela dizia. Era necessário acabar com aquela tirania e meu pai ficou de dizer á prima Ernestina coisas sérias.

Ia a sair para o almoço e, já, o cocheiro me segurava o cavalo, no pateo, quando minha mãi, muito pesarosa, veiu reprender pela atitude que tivera para com a prima Ernestina, «tão boa, coitada, que ficára, chorando, no seu quarto».

— E' lá, minha mãi, o seu lugar!

— Carlos!...

— Antes de ela vir tudo girava, serenamente, e, agora, os creados...

— São uns desleixados.

— Não o eram, nem o são: a mãi bem o sabe. Quando casou já os encontrou cá e sabe a conta em que os tinham os avós.

— Mas...

— Essa prima Ernestina, se quere continuar cá, deve limitar-se a ser o que é: — uma parenta que todos respeitamos. E mais nada!

— Que odio á pobre creatura, que é tão nossa amiga!

— Não é odio, é asco. O asco que se tem por um bicho peçonhento. Nada mais!

Beijei, rapidamente, a mão de minha mãi, que estava visivelmente contrariada comigo e, num pulo, desci ao pateo, montei e parti.

Foi, deveras, divertido o almoço em casa do Dr. Pedroso.

Dóra estava, nêsse dia encantadora e eu atrevi-me a dizer-lhe que a amava. Ela ruborisou, sorriu e gostou, por isso, vim para casa radiante. Era quasi noite.

Contra o habito, meu pai passeava, só, no jardim. Fumava e estava nervoso: tivera, por causa da prima Ernestina, uma cena com minha mãi — a primeira, após vinte e cinco anos de casados! — e ela recolhera-se ao seu quarto, sem almoçar.

Entrámos na sala de refeições. A mesa estava posta, mas só com dois talheres.

As senhoras, informou-nos o Manuel, jantaram cêdo e foram para o «Mês de Maria», na vila.

Meu pai ficou furioso e eu sentia vontade de esganar a *Sombra*.

Mal jantámos. Os creados serviam em silencio, compartilhando do nosso aborrecimento.

Nem meu pai, nem eu vimos minha mãi ou a prima Ernestina, durante quatro longos dias.

— Esta situação não pode tolerar-se. Vou ouvir tua mãi em capitulo. — E meu pai, chamou o Manuel e mandou-o ao quarto da senhora pedir-lhe que lhe viesse falar ao escritório.

Acendi um cigarro, sentei-me no parapeito da grande janela e esperei. Minha mãi entrou, com um ar de rainha ofendida e não acedeu ao convite de meu pai para se sentar.

— Quero saber porque é este disparate todo?

— O senhor deve sabê-lo melhor do que eu...

— Deixemo-nos de misterios e de frases tragicas. Fala claro, Laura.

— O senhor mentiu-me, o senhor mente-me e engana-me ha vinte e cinco anos!

— Como?!

— Sim; o senhor tem na vila uma amante e não tem pejo de fazer que ele venha aqui a casa como amigo do nosso filho!

— O Pedro?! — gritei, eu da janela, apesar de me querer manter mudo, como mero espectador.

— Sim; o Pedro!

O meu pai abateu-se sôbre a cadeira e ficou mudo, muito vermelho, suando.

— Já vez, Carlos, que é verdade. O teu pai não o nega.

Fui até junto dêle. Com um gesto afastou-me de si. Ergueu-se, cambaleante, procurou entre as suas chaves, a do cofre, que abriu, com dificuldade, procurou, com mãos tremulas, um papel e entregou-o a minha mãi, acrescentando só:

— Já que queres saber, aí tens! Vê, tambem, Carlos.

Acerquei-me da pobre senhora que estava branca. Afinal, o Pedro era irmão de minha mãi, e meu avô deixára-o aos cuidados do genro, pedindo-lhe o maior segrêdo, pelo quanto possivel fôsse guardá-lo.

Amparei minha mãi até junto dum «fauteil», onde ela ficou pálida, amachucada, sem uma palavra, o papel esquecido no colo.

Meu pai passeava, agitado ao longo dos grandes armarios carregados de livros.

Senti uns passos no corredor. Corri para a porta e, na sombra, dei de cara com a *Sombra*, que escutava. Sem bem pensar no que fazia, puxei-a para dentro da sala e muito junto dela, chicoteei-lhe as faces com estas palavras:

— Veja o que fez! Veja a sua obra! Agora, deixe esta casa! Retire-se depressa, porque a sua presença empesta o ar. Rua!

Ela abria os olhos sem compreender. Julgou, decerto, que meus pais estavam desavindos e teve um riso mau, um grande riso de satisfação.

Senti ganas de a esbofetear, mas contive-me. A mulherzinha ia a sair, quando meu pai, de junto da mesa de trabalho, chamou-a:

— Oiça! Meu filho tem razão, a senhora não pode continuar nesta casa. Ia estragando outro lar, talvez por inveja, ou por ciume.

E' nova, ainda, para trabalhar. Se precisar alguma coisa—não por si, mas pelo seu marido que era bom e que foi uma vitima nas suas mãos, agora, realmente, o vejo — peça, mas de longe.

A mulher, hirta, mais verde, rodou nos tacões e saiu.

Ao almoço, pouco depois, minha mãi já ria, meu pai ria tambem, os creados serviam, contentes, e a voz rouca da pobre Dorotéa ouvia-se, da cozinha, a cantarolar.

Uma grande chapoeirada de sol entrava pelas janelas abertas.

Nunca mais soubemos da *Sombra* e eu — Não sei porquê — não casei com Dóra.

Graciosa (nos Açores), 29 de Agosto de 1930.

JORGE DE FIGUEIREDO

(Dum livro em preparação «Almas em Pijama»)

FABRICA DE LOUÇA DE SACAVEM

FUNDADA EM 1850

A mais importante no género, na Peninsula

A qualidade dos seus artigos representa a experiencia de muitos anos e o estudo consciente de técnicos competentes

Serviços de jantar — Serviços de chá

Azulejos brancos e pintados

Loiça sanitária — retretes, bidés, lavatórios, vasadouros para :: consultorios médicos ::	Mosaicos ceramicos — o mais duradouro, famoso e higiénico dos pavimentos ::

SEDE EM LISBOA	PORTO
126-Rua da Prata-132	40-Rua das Carmelitas

Armazens Azevedo L.da

São na Rua dos Fanqueiros os mais importantes no seu genero apresentando um variadissimo sortido em lanificios para homem e senhoras

SEDAS, VELUDOS, ALGODÕES, PELUCHES, PELES, ETC.

A sua secção de ALFAIATERIA apresenta OS ULTIMOS MODELOS executados por especialisados mestres de corte

SECÇÃO DE FATO FEITO

Rua dos Fanqueiros, 226-232 — LISBOA

COMPANHIA DE MOÇAMBIQUE

TERRITÓRIO DE MANICA E SOFALA

AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA

Os terrenos desta região prestam-se às mais variadas culturas agrícolas, especialmente da cana de açúcar, de milho, de citraceas, de oliaginosas e sisal.

O pôrto da Beira, magnificamente apetrechado, está ligado por vias aéreas com a Rodésia e com o Nyassaland.

Para informações:

EM LISBOA — Largo da Biblioteca Pública, 10

NA BEIRA — Secretaria Geral do Governo do Território

ZIG-ZAG

Pelo vapor «VILA FRANCA», recentemente chegado, acabamos de receber uma importante remessa dest[a] acreditada marca de papel de fumar, remessa precisament[e] igual á que recebemos em Setembro pelo vapor «GONÇALO VEL[HO]» Não sabendo ainda o que virá a acontecer depois da denuncia do nosso acôrdo comercial com a França, denuncia que se efectuará no próximo dia 30 de Novembro, tomamos as necessárias providências para colocar os nossos prezados clientes ao abrigo duma nova e possivel alta. Presentemente estamos habilitados a satisfazer todas as encomendas que nos sejam enviadas e que não devem ser remesidas á ultima hora, para evitar aglomeração de serviço. Fazemos esta prevenção no interesse dos próprios clientes, a fim de poderem beneficiar das precauções que tomámos. Se, pelo contrário, — embora não seja provavel — se viesse a dar uma baixa nos preços dos nossos papeis, os nossos presados clientes em nada seriam prejudicados, pois tomamos o compromisso de os reembolsar de qualquer diferença que houver nas compras que tiverem sido efectuadas anteriormente num prazo não inferior a trinta dias. Todas estas medidas foram tomadas no intuito de corresponder á decidida preferencia que os fumadores continuam demonstrando pelo nosso **ZIG-ZAG,** apesar da guerra desleal que lhe estão movendo as péssimas imitações que inundam o mercado e que não sendo provenientes de França — o unico país onde se fabrica papel de fumar digno de tal nome — não foram atingidas pelo aumento de direitos e podem, portanto, ser vendidas por um preço tão inferior como a sua própria qualidade. O fumador, porém, sabe perfeitamente que o barato sai caro e por uma diferença de 10 ou 20 centavos não hesita em dar a preferencia ao nosso **ZIG-ZAG,** pois sabe por experiencia própria que é o unico papel de fumar que

não afecta a garganta,

não altera o gosto do tabaco,

não rrejudica a saude,

o que já não sucede com aqueles que, dizendo-se fabricados de puro linho, nem de linhaça, sequer são feitos.

Unicos importadores em Portugal

A CASA HAVANEZA

LISBOA

24, Largo do Chiado, 25

End. Tel.: HAVANEZA — Apartado do Correio 303

Tel.: 2 0340

LISBOA

INSTALE UM TELEFONE

e a sua vida simplificar-se-á, os seus negocios aumentarão

ESTARÁ A 1 MINUTO DE LISBOA

Dirija-se á COMPANHIA DOS TELEFONES

Rua Nova da Trindade, 43

LISBOA

Peça o livro gratis
E porque não?

Laboratório Farmacológico — Rua Alves Corrêia, 187 — LISBOA

Secção de Produtos Alimentícios

DO LABORATORIO J. J. FERNANDES L.DA

Farinha Lacto-Bulgara

Uma verdadeira vacina contra as enterites, empregada na alimentação das crianças de todas idades e dos adultos que sofrem dos intestinos

Farinha integral maltosada (para diabéticos)

Farinha de trigo vitaminada

Em latas de 500 gramas, contendo a parte externa do pericarpo do trigo, que recebeu a acção dos raios ultravioletas do Sol

Ovochocolate Mitzi

Super-alimento hidrocarbonado para os desportistas, saborosissimo, vitaminado e fosfatado, podendo ser tomado em crú.
Preferir o MITZI é dar uma prova de cultura intelectual

Ovocacau

Alimento hidrocarbonado, fosfatado, contendo leite fermentado com Bacilos Bulgaros, que lhe dão a propriedade de ser assimilado e tolerado por todos os organismos

Café maltosado

Rico em diastases que auxiliam a digestão e com um aroma não inferior ao verdadeiro café de Moca

Fermento instantâneo

Para preparar bolos e massa folhada e com a garantia de não ser inferior ao fermento inglês

Cerimalte

Extracto de cereais, rico em vitaminas dos embriões do trigo e das radiculas de malte. Contem 10 vezes mais fosforo, e 7,5 vezes mais substância azotada, do que os produtos congéneres estrangeiros, como se documenta pelas analises oficiais feitas no Laboratório da Estação Agrária de Belem

Cerimaltina

Alimento tónico para diabéticos, obtendo um extracto glicerinado de cereais, de embriões do trigo e das radiculas do malte

Carne em pó

Para super-alimento de pessoas fracas. Cada quilograma de carne limpa, foi reduzido a 100 gramas de pó, adicionado a 10 % de leite em pó fermentado com Bacilos Bulgaros, o que evita as putrefacções intestinais e aumenta o poder de assimilação dos alimentos

Dinheiro

Empresta-se sobre tudo que ofereça garantia

A Juro Convencional

A COMERCIAL

18, T. da Trindade, 22 — Tel. 25082 (Frente ao Teatro do Gimnasio)

Tem moderna casa forte para joias, pratas, papeis de crédito e todos os objectos de valores e estima

Os Tourteaux

Alimentares

estão **Baratos**

A SEMEA

ESTA'

CARA

Metade Semea, metade Tourteaux ou mesmo

SÓ TOURTEAUX CUF

Eis a Ração

QUE OS ANIMAIS AGRADECEM

E' a mais saudavel, mais alimentar e **mais barata**

Companhia União Fabril

Rua do Comercio, 46	Rua Mousinho da Silveira, 257
LISBOA	PROTO

— MEDICAÇÃO —

ANTI-BACILAR

SPLENOL

ANDRADE

Extrdcto splénico — Colesterina — Cinamato de benzilo — Gomenol — Cânfora do Japão — Ergosterina irradiada, em azeite puro e absolutamente neutro

Farmacia Barreto

Proprietario e Director Tecnico

Manuel Joaquim de Oliveira

R. do Loreto, 24 a 30 — **LISBOA**

Telefone 2 7284

SOB A DIRECÇÃO DE *Bernardo Augusto da Costa Simões*

Professor da Escola de Farmacia de Lisboa

VICTOR GUEDES & C.A

EXPORTADORES E IMPORTADORES

Rua dos Remolares, 7, 1.º

LISBOA

Telefones 2 1764, 2 6310, P. Bispo 129 e 122
Telegramas — Embarques

Codigos: A. B. C. — Bentley — Ribeiro — Particulares

Frutas verdes e sêcas, vinhos, azeites e conservas GAL

Proprietarios das marcas de vinhos:

COLARES VIUVA GOMES, MOSCATEL DE SETUBAL «FERNANDES» e CLARETE «CANARIO»

ARMAZENS DE EXPORTAÇÃO: Poço do Bispo, Vila Franca de Xira, Almoçageme, Colares e Azeitão